

O STAR SYSTEM À BRASILEIRA EM MARIA FERNANDA CÂNDIDO ENQUANTO CAPITU¹

THE STAR SYSTEM IN THE BRAZILIAN MANNER IN MARIA FERNANDA CÂNDIDO AS CAPITU

Maribel Barbosa da Cunha²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a atriz Maria Fernanda Cândido enquanto Capitu. Para tanto, foram elencados como objetos desta análise o romance *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, e a minissérie global *Capitu* (2008), dirigida por Luiz Fernando Carvalho. Com isso, este trabalho pretende realizar uma breve leitura do romance e da adaptação audiovisual, em que a atriz Maria Fernanda Cândido interpreta a personagem Capitu pela segunda vez; buscando entender como acontece o movimento do *star system* brasileiro. Como metodologia desta pesquisa, apoio-me no embasamento teórico de Edgar Morin (1989) sobre o estrelismo, num processo pelo qual atrizes e atores de cinema são transformados em produtos – comerciais e divinizados. Junta-se ao encontro deste estudo, as vozes de Antonio Candido *et al.* (2011) ao expor a questão da personagem do romance e do cinema, fundamentais para a análise de uma Capitu literária e fílmica.

Palavras-Chave: Capitu; Maria Fernanda Cândido; *Star system*.

ABSTRACT: This article aims to analyze the actress Maria Fernanda Cândido as Capitu. Therefore, the novel *Dom Casmurro* (1995), by Machado de Assis, and the global miniseries *Capitu* (2008), by Luiz Fernando Carvalho, were included as object of this analysis. Therewith, this work intends to make a brief reading of the novel and the audiovisual adaptation, in which the actress Maria Fernanda Cândido interprets the character Capitu for the second time; trying to understand how the movement of the Brazilian star system happens. As a methodology of this research, I rely on the theoretical of Edgar Morin's theory (1989) about the starry, in a process by which actresses and actors of cinema are transformed in products - commercial and deified. It is joined to the meeting of this study, the voices of Antonio Candido *et al.* (2011) exposing the question of the character of the novel and the cinema, fundamental for the analysis of a literary and filmic Capitu.

Keywords: Capitu. Maria Fernanda Cândido. Star system.

1 Artigo recebido em 30 de abril de 2017. Aceito em 10 de julho de 2017.

2 Doutoranda em Literatura (UFSC); Mestre em Ciências da Linguagem (UNISUL) e Licenciada em Letras: Português/Inglês (UNISUL). Professora de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Português Instrumental do Instituto Federal Catarinense *Campus* Concórdia (IFC). Membro da Rede Catarinense de Pesquisadores em Educação (RCPE) e do Núcleo de estudos do Brasil Meridional, na linha de pesquisa de Linguagem e interação social. E-mail: maribel.cunha@ifc.edu.br



Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar³ a atriz Maria Fernanda Cândido enquanto Capitu, personagem emblemática da literatura machadiana. Para tanto, foram elencados como objetos desta análise o romance *Dom Casmurro* (1899), base narrativa para as adaptações; o filme *Dom* (2003) de Moacyr Góes; e a minissérie global *Capitu* (2008) de Luiz Fernando Carvalho. Ambas produções audiovisuais são adaptações do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e, nas duas, a vivificação de Capitu se dá pela atriz Maria Fernanda.

A escolha pela análise da atriz em voga, enquanto personagem de Capitu, justifica-se pela surpreendente volta à mesma personagem – e em duas adaptações diferentes. Maria Fernanda Cândido interpretou a personagem Capitu em 2003 e, após decorridos cinco anos, foi chamada novamente para compor o elenco de uma nova adaptação audiovisual. Sua experiência no papel da personagem pode ter chamado a atenção de diretores propostos a adaptar *Dom Casmurro*, mas de longe seria este o requisito para uma segunda interpretação.

A atriz brasileira, que é dona de grandes olhos verdes levemente puxados, traz em sua composição não só os olhos de Capitu, mas um corpo inteiro “como a vaga do mar lá fora”. Para Maria Fernanda Cândido, o olhar de Capitu é a peça fundamental de todo o romance. Os olhos de Capitu são as janelas por onde vemos sua alma, sua dissimulação e, principalmente, sua força. Os mesmos olhos maliciosos a que José Dias acusou como sendo “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, são os mesmos olhos arrebatadores a que Bento Santiago conclui ser “olhos de ressaca”.

Diante disso, este trabalho pretende realizar uma breve leitura do romance *Dom Casmurro* e da adaptação audiovisual *Capitu*, em que a atriz Maria Fernanda Cândido interpreta a personagem Capitu pela segunda vez; buscando entender como acontece o movimento do *star system* brasileiro, interessando-nos saber se Maria Fernanda estrelando a personagem Capitu caracterizaria um *star system* à moda brasileira.

Como metodologia desta pesquisa, apoio-me nos embasamentos teóricos de Edgar Morin (1989) em *As estrelas: mito e sedução no cinema*, em que o autor clarifica as características do *star system* no cinema,

3 A análise proposta não versará sobre a atuação da atriz. Sua atuação será apenas ponto de referência para estabelecer a tese de um *star system* brasileiro.



trazendo arquétipos de estrelas hollywoodianas, tais como James Dean e Marilyn Monroe. Além desta abordagem cinematográfica, junta-se ao encontro deste estudo, as vozes de Antonio Candido *et al.* (2011) em *A personagem de ficção*, expondo a questão da personagem do romance e da personagem do cinema, fundamentais para a análise de uma Capitu literária e fílmica.

Do livro *Dom Casmurro* às adaptações audiovisuais

Ao lado de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899)⁴ é o terceiro livro da trilogia realista do escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis, reconhecido no meio literário como Machado de Assis, cujas obras são o verdadeiro retrato da burguesia carioca da época.

Por isso, é tão inerente à obra realista de Machado o “sufocamento” a que são submetidas as personagens femininas machadianas que, muitas vezes, são secundarizadas nas narrativas, passando-nos sua condição de submissas. Dentre alguns exemplos dessas personagens, podemos citar Conceição do conto *Missa do Galo* (1893), Rita de *A cartomante* (1884), Maria Luísa de *A causa secreta* (1885), Marcela do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), Flora de *Esaú e Jacó* (1904) e a própria Capitu de *Dom Casmurro* (1899), dentre tantas outras personagens.

Dono de uma escrita literária impecável e densa, Machado confere a seus contos e romances a ironia, que bem nos é conhecida; a intertextualidade com obras clássicas; a análise psicológica das personagens, que desvelam as mazelas humanas; e uma forte denúncia aos privilégios das elites.

Pouco a pouco o estilo de Machado de Assis atingiu a condição de instrumento afinadíssimo, capaz de entretons, de sugerir mais que dizer, dominando o leitor, com quem dialoga e discute os estados de alma dos personagens. E a quem transmite o ceticismo, a dúvida, a ironia melancólica das afirmações interrogativas, das perguntas que não pedem respostas. (PROENÇA, 2016, p. 446)

4 Vale ressaltar que a primeira publicação do romance se deu em 1899, porém para as citações deste estudo, utilizaremos a edição de 1995, integrante da coleção *Imortais da Literatura Universal*, da Editora Nova Cultural.



Leitor do dramaturgo inglês William Shakespeare, não nos resta dúvidas de que em muitas obras de Machado de Assis, podemos revisitar *Otelo*, *Hamlet* e *Macbeth*, por exemplo⁵. Antes mesmo de adentrar em cada uma das obras citadas, é importante ressaltar que a tragédia configura-se como um gênero sob o qual o personagem não tem influência sobre seus atos e/ou sobre seu final. Nas tragédias, o destino é quem manda, toda situação é determinada por ele, e nenhum personagem tem a capacidade de gestar o destino.

A partir disso, pode-se perceber que não são poucas as passagens de *Dom Casmurro* que fazem previsões de que o amor de Capitu e Bentinho, ou melhor, que a vida de Bento Santiago teria seu final nada feliz. Ao longo do romance são dadas indicativas de que realmente o destino tem um poder soberano sobre toda a narrativa.

Separados um do outro pelo espaço e pelo destino [...] (ASSIS, 1995, p. 87)

la só andando, aceitando o pior, como um gesto do destino, como uma necessidade da obra humana [...] (ASSIS, 1995, p. 93)

Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder mais, tão certo é que o destino, como todos os dramaturgos, não anuncia as peripécias nem o desfecho. (ASSIS, 1995, p. 99)

O destino não é só dramaturgo, é também o seu próprio contrarregra, isto é, designa a entrada dos personagens em cena, dá-lhes as cartas e outros objetos, e executa dentro os sinais correspondentes ao diálogo, uma trovada, um carro, um tiro. (ASSIS, 1995, p. 99)

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... (ASSIS, 1995, p. 170)

É fato que, aos moldes das tragédias clássicas, *Dom Casmurro* também sofre essas influências em razão dessa peculiaridade caracterizada pela ordenança do destino. Assim, as três tragédias mencionadas, são evidenciadas em *Dom Casmurro* quando, em relação a *Otelo*, temos latente

5 Foram suprimidas, neste artigo, as datas de publicação das tragédias de William Shakespeare por conta dos muitos desencontros em relação a elas. Muitas dessas obras eram publicadas *in-quartos e/ou fólhos* e a cada edição recebiam alguma modificação, tornando literariamente difícil definir uma data exata para a publicação da obra.



a temática do ciúme, em que o mouro enciumado e desconfiado de uma suposta traição da esposa, assassina Desdêmona, sendo esta inocente. Podemos conferir esta interferência em *Dom Casmurro*, no capítulo CXXXV – Otelo, em que o personagem Bento Santiago comenta:

Jantei fora. De noite fui ao teatro. Representava-se justamente Otelo, que eu não vira nem lera nunca; sabia apenas o assunto, e estimei a coincidência. Vi as grandes raivas do mouro, por causa de um lenço. – um simples lenço! – e aqui dou matéria à meditação dos psicólogos deste e de outros continentes, pois não me pude furtar à observação de que um lenço bastou a acender os ciúmes de Otelo e compor a mais sublime tragédia deste mundo. [...] “E era inocente”, vinha eu dizendo rua abaixo; “que faria o público, se ela deveras fosse culpada, tão culpada como Capitu? E que morte lhe daria o mouro? Um travesseiro não bastaria [...] (ASSIS, 1995, p.159)

Não nos é diferente em relação a *Hamlet*, onde temos o emblemático personagem Polônio, o exagerado conselheiro-chefe do rei Cláudio, que esbarra na figura caricatural de José Dias, o agregado da família Santiago, amante dos superlativos e também confidente de Bentinho.

José Dias desculpava-se: “Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo...” [...] José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, servia a prolongar as frases. (ASSIS, 1995, p. 15)

Já em relação a *Macbeth*, temos no início da tragédia o encontro de Macbeth com três bruxas que lhe revelam uma profecia: de que ele seria rei. Macbeth e sua esposa Lady Macbeth cometem o regicídio a fim de apressar seu destino real. No capítulo C – “Tu serás feliz, Bentinho!”, de *Dom Casmurro*, após ter terminado o curso de Direito e voltado para casa, Bentinho ouve a voz de uma fada:

No quarto, desfazendo a mala e tirando a carta de bacharel de dentro da lata, ia pensando na felicidade e na glória. Via o casamento e a carreira ilustre, enquanto José Dias me ajudava, calado e zeloso. Uma fada invisível desceu ali e me disse em voz igualmente macia e cálida: “Tu serás feliz, Bentinho; tu vais ser feliz.” E por que não seria feliz? perguntou José Dias, endireitando o tronco e fitando-me. Você ouviu? perguntei eu erguendo-me também, espantado. Ouviu o quê? Ouviu uma voz que dizia que eu serei feliz?



É boa! Você mesmo é que está dizendo...
Ainda agora sou capaz de jurar que a voz era da fada;
naturalmente as fadas, expulsas dos contos e dos versos,
meteram-se no coração da gente e falam de dentro para
fora. Esta, por exemplo, muita vez a ouvi clara e distinta. Há
de ser prima das feiticeiras da Escócia: "Tu serás rei,
Macbeth!" — "Tu serás feliz, Bentinho!" Ao cabo, é a mesma
predição, pela mesma toada universal e eterna. (ASSIS, 1995,
p. 126)

Dessa forma, a partir do entendimento de tragédia em Shakespeare e da intertextualidade presente no romance *Dom Casmurro*, Machado de Assis anuncia o enredo de seu terceiro romance da trilogia realista: a história de Bento Santiago, conhecido pela alcunha de Dom Casmurro. "Casmurro" por conta dos seus hábitos reclusos e calados e "Dom" veio por ironia, para atribuir-lhe ares de fidalgo. Sua pretensão na escritura do livro, é justificado na seguinte passagem: "O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui." (ASSIS, 1995, p. 12).

Na verdade, a insistência em se ter uma narrativa biográfica, está no fato do não esquecimento da vizinha Capitu, com seus "olhos de cigana oblíqua e dissimulada", por quem é apaixonado e com quem se casa e tem um filho; mas por ciúmes e desconfiança, acaba afastando-se dela e do filho, restando só as reminiscências. Bento Santiago não assume seu fracasso, valendo-se de sua experiência jurídica de advogado para formular acusações contra a ex-esposa que, sem direito à defesa, viaja para a Europa e por lá morre, bem como o que acontece com o suposto filho, Ezequiel, o qual ele acredita ser filho do amigo Escobar.

A questão do ciúme doentio e da dúvida de uma suposta traição de Capitu, contada a partir do relato de Bento Santiago, são mote para todo tipo de adaptação, visto que o enredo de *Dom Casmurro* já recebeu importantes delas, sendo a primeira a ópera *Dom Casmurro* (1952), com texto de Orlando Codá e música de Ronaldo Miranda. Foi adaptado também para o teatro, com a peça *Capitu* (1999), dirigida por Marcus Vinícius Faustini, e *Criador e Criatura: o encontro de Machado e Capitu* (2002), dirigida por Bibi Ferreira. Na esfera musical, Luiz Tatit compôs a música *Capitu* (2000).



Fazendo coro aos diferentes suportes a que o romance *Dom Casmurro* tem perpassado, podemos atestar no Prefácio de Linda Hutcheon, em *Uma teoria da adaptação* que:

Se você supõe que a adaptação pode ser compreendida considerando apenas filmes e romances, está enganado. Os vitorianos tinham o hábito de adaptar quase tudo – e para quase todas as direções possíveis; as histórias de poemas, romances, peças de teatro, óperas, quadros, músicas, danças e *tableaux vivants* eram constantemente adaptados de uma mídia para outra, depois readaptadas novamente. Nós, pós-modernos, claramente herdamos esse mesmo hábito [...] (HUTCHEON, 2013, p. 11)

Além das adaptações para a ópera, teatro e música, o romance de Machado de Assis também recebeu duas adaptações cinematográficas e uma televisiva. A primeira, *Capitu* (1968), que foi dirigida por Paulo Cesar Saraceni, estreou com o elenco: Isabella Cerqueira Campos (Capitu), Othon Bastos (Bentinho) e Raul Cortez (Escobar). A adaptação de Saraceni propôs-se a realizar uma releitura fiel ao livro.

Já o filme *Dom*, dirigido por Moacyr Góes, contou com o elenco de Bruno Garcia (Miguel/Escobar), Marcos Palmeira (Bento/Bento) e Maria Fernanda Cândido (Ana Clara/Capitu). No mesmo ano de 2003, Maria Fernanda Cândido foi premiada com o Kikito de Melhor Atriz no Festival de Gramado por sua atuação em *Dom*, que já nos mostra uma abordagem mais contemporânea da obra de Machado de Assis, tendo o enredo apenas como pano de fundo, numa construção sobre o ciúme nos relacionamentos. O que não deve ser visto como um critério de julgamento – a procura pela proximidade do “original” e pela fidelidade da adaptação com o texto adaptado. (HUTCHEON, 2013).

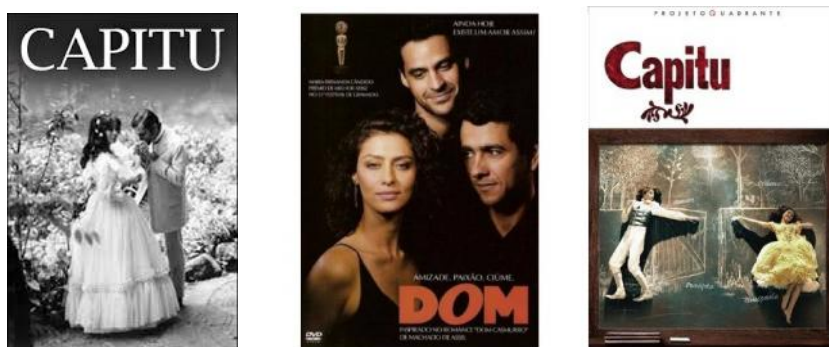
Em comemoração ao centenário de morte de Machado de Assis, a Rede Globo de TV insere *Dom Casmurro* ao Projeto Quadrante, lançando a minissérie *Capitu*, dirigida por Luiz Fernando Carvalho. Nos fragmentos retirados do caderno de anotações de Carvalho (2006), temos um pouco do que significa o Projeto:

Quadrante é um projeto que trago há mais de 20 anos comigo. Trata-se de uma tentativa de um modelo de comunicação, mas também de educação, onde a ética e a estética andam juntas. Estou propondo, através da transposição de textos literários, uma pequena reflexão sobre o nosso país.



A narrativa carioca de Machado de Assis, idealizada por Carvalho ao integrar o Projeto Quadrante, dá-nos, mais uma vez, a ideia da supremacia desta obra clássica e genuinamente brasileira. Composta por cinco capítulos, a minissérie *Capitu* apresenta como elenco: Letícia Persiles (Capitu jovem) César Cardadeiro (Bentinho jovem), Pierre Baitelli (Escobar), Maria Fernanda Cândido (Capitu) e Michel Melamed (Bento). A adaptação para a televisão mescla elementos de época à modernidade, conservando uma maior aproximação da obra base, sendo as falas das personagens e até mesmo os cortes dos capítulos postos em evidência nesta realização audiovisual. E, por se tratar de uma leitura bem elaborada do romance, como premiação, a minissérie *Capitu* conquistou o Leão Relações Públicas, na categoria Novas Mídias, no Festival Internacional de Publicidade de Cannes por propor uma leitura coletiva do texto de Machado de Assis no site interativo Mil Casmurros.

Figuras 1, 2 e 3: Capas de *Capitu*, *Dom* e *Capitu*



Fontes: SARACENI (1968); GÓES (2003) e CARVALHO (2008).

Como pode ser notado, nas duas últimas adaptações para as telas, uma no filme *Dom* e outra na minissérie *Capitu*, temos no elenco a presença da bela atriz Maria Fernanda Cândido, estrelando no papel de Capitu. Duas vezes convidada a interpretar a personagem, sendo em uma delas premiada pela atuação.

O *star system* à brasileira e a atriz Maria Fernanda Cândido

A indústria cinematográfica é, sem dúvidas, uma das portas de entrada para o consumismo, já que participa de uma sociedade que respira seu capital. O movimento do *star system* hollywoodiano vem a confirmar os



anseios dessa sociedade, ao lançar suas deusas e transformá-las em mercadoria. “Em 1950, um levantamento apontou que 48% do público feminino e 36% do público masculino escolhiam seus filmes a partir do elenco” (GUBERNIKOFF, 2009, p. 70). A estrela do cinema pode até representar uma personagem, mas é, antes de tudo, um produto industrial que se encontra inserida no contexto de uma mercadoria denominada “filme”, no qual ela é um artigo manufaturado e metamorfoseado pelo estúdio (GUBERNIKOFF, 2009).

Por essa razão, partimos da teorização de Edgar Morin (1989), em *As estrelas: mito e sedução no cinema*, onde encontramos os primeiros estudos acerca das principais características do *star system* e sua representação nos meios de comunicação. E, embora passados quase sessenta anos da publicação do original de *Les stars* (1957), o trabalho de Morin ainda permanece como ponto de referência enquanto teorização e discussão do estrelismo.

No trabalho de dissertação de Margarida Maria Adamatti (2008), *A crítica cinematográfica e o star system nas revistas de fãs: A Cena Muda e Cinelândia (1952 – 1955)*, é apresentado como tema principal o estudo do estrelismo e da crítica cinematográfica, também encontramos (re) significações deste sistema. Por isso, para esta seção, buscamos teorizar o *star system* praticado no Brasil a partir do que a autora, em sua busca, atenta:

Não pretendemos trazer aqui o histórico do estrelismo, por ser muito extenso, mas lembramos que o *star system* não nasce no cinema, e sim no teatro. Por volta de 1820, os cartazes davam maior relevo aos atores do que às peças, baseado num *trust* coordenador de um sistema de distribuição, controlador das principais atrações. No caso do cinema, o surgimento do *star system* condicionou rapidamente a criação de periódicos, feitos primeiro pelos estúdios com o intuito de gerar publicidade aos filmes. As primeiras publicações voltadas a este mercado são os *trade papers* e as *fan magazines* (lembramos que *fan* é o diminutivo de *fanatic*). Ambas surgem como um braço dos estúdios, para instigar o interesse dos leitores pelas personalidades criadas. (ADAMATTI, 2008, p. 16)

Assim, pela explanação da pesquisadora, podemos perceber que embora o *star system* tenha sido disseminado mais na esfera cinematográfica, este modelo não tem seu surgimento no cinema, e sim no teatro.



Por essa razão, quando nos referimos ao *star system* no cinema, principalmente o cinema hollywoodiano, estamos acompanhando o surgimento das revistas de fãs, não como apenas divulgadoras do *star system*, mas como geradoras de publicidade dos próprios filmes. Em uma lógica bastante simples, o fã que procura estar mais próximo de seu ídolo, buscando por curiosidades sobre ele, mesmo que irracionalmente, estará consumindo o produto do aparecimento dessa estrela: o filme. Por isso, no contexto do *star system*, mais importante do que o filme é a presença e *performance* da estrela.

Mais importante nos filmes de estrela do que trazer uma *performance boa* (quando a celebridade interpreta bem o sofrimento do personagem a partir de técnicas cênicas e talento), é mostrar uma *performance verdadeira*, ou seja, quando a intérprete interioriza o sofrimento, trazendo seu sentimento pessoal à atuação. Assim, o olímpiano encarna na personagem, e vice-versa. (ADAMATTI, 2008, p. 89)

A partir da colocação da autora, temos a indicativa de uma estrela que transcende sua personagem e o movimento oposto, de quando a própria personagem é encarnada nessa estrela, num misto *persona-personagem*. Ou seja, “o entrelaçamento entre intérprete e personagem é desejado, porque a personalidade do papel interpretado é transferida ao artista” (ADAMATTI, 2008, p. 89).

Neste ponto, buscamos referência em Antonio Candido *et al.* (2011, p. 55), quando este afirma que “A personagem é um ser fictício [...] é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial”. Ou seja, para Candido *et al.*, uma obra⁶ só se realiza quando há a prevalência do princípio da verossimilhança, quando a obra procura convencer o leitor, através de suas personagens, de que tudo o que está escrito nela pode ser verdade, ou pelo menos passível de ser verdadeiro. Tanto a personagem literária, quanto a teatral ou a cinematográfica, a fim de convencer este leitor/espectador, necessariamente, precisa ter uma relação com o mundo real, uma relação com as pessoas. Assim, uma obra torna-se mais verossímil quando as suas

6 Antonio Candido et al. (2011), em *A personagem de ficção*, teoriza a personagem de ficção, valendo-se do estudo de obras literárias, teatrais e cinematográficas para tal. Assim, no mesmo livro temos a abordagem imbricada da personagem nas esferas da literatura, teatro e cinema. E, para este estudo, tomamos *obra* enquanto literatura e cinema.



personagens trazem em si a mesma complexidade das pessoas que fazem parte do mundo real.

Pensando nas adaptações *Dom* e *Capitu* e nesse movimento de encarnação da personagem, Coelho nos adverte que,

Em geral, quando se fala em adaptação de obras literárias para o cinema se pensa, automaticamente, na transposição do enredo, da história de um romance para as telas do cinema. Quando alguém se pronuncia sobre a fidelidade de um filme à obra literária em que se baseou, geralmente essa fidelidade remete exclusivamente à esfera da história, importando se o ator “encarna” devidamente as características da personagem de um romance, ou se os acontecimentos presentes no livro são respeitados no filme. (COELHO, 1999, p. 97)

Em meio a esse limiar fronteiro entre literatura e cinema, quer seja, o romance e sua respectiva adaptação cinematográfica, Candido *et al.* (2011, p. 111) ao tratar a personagem do cinema, confirma que “A personagem de romance afinal é feita exclusivamente de palavras descritas [...] Nos filmes, por sua vez, e em regra generalíssima, as personagens são encarnadas em pessoas”. Assim, partindo do pressuposto do *star system*, elucidado por Morin, reitera-se a encarnação da personagem na pessoa, e da pessoa na personagem.

Sendo assim, em retomada a um dos interesses iniciais, do porquê Maria Fernanda Cândido foi convidada para interpretar a personagem Capitu em *Dom*, e após decorridos cinco anos, foi chamada novamente para compor o elenco de *Capitu*, poderíamos tomar como resposta, o fato de que,

A personagem de ficção cinematográfica, por mais fortes que sejam suas raízes na realidade ou em ficções pré-existentes, só começa a viver quando encarnada numa pessoa, num ator [...] Via de regra, a encarnação se processa através de gente que conhecemos muito bem, em atores que nos são familiares. Aliás, nos casos mais expressivos, tais atores são muito mais do que familiares; já são personagens de ficção para a imaginação coletiva, num contexto quase mitológico. (CANDIDO *et al.*, 2011, p. 114)

Outro elemento que está ao lado da estrela, segundo Morin, é sua beleza, sendo esta ressaltada através de maquiagens, figurinos ou até mesmo, ângulos de câmera. Tudo é minuciosamente pensado para fazer com que o espectador seja tragado pelo astro, pois sua aparição toca a alma



humana através das imagens mentais (que são compulsórias) em detrimento da imagem física que vemos.

Figuras 4 e 5: Maria Fernanda Cândido em *Dom e Capitu*



Fonte: GÓES (2003) e CARVALHO (2008).

A esse propósito, podemos destacar que o figurino das estrelas também é um elemento que se diferencia dos demais personagens, seu corpo é mais valorizado através de determinada roupa para que o mesmo aconteça do outro lado da tela, para que os espectadores sintam empatia pela personagem e, conseqüentemente, pela atriz. Para Morin, os figurantes vestem roupas, já a estrela é vestida. No caso de Maria Fernanda Cândido, que estava grávida à época das filmagens da minissérie *Capitu*, a figurinista Beth Filipecki teve que adaptar o figurino da atriz para esconder a barriga, reconstruindo todo seu corpo com vestidos cuja armação tivessem quatro metros de diâmetro⁷.

Figuras 6 e 7: Figurinos de Maria Fernanda Cândido em *Capitu*



Fonte: CARVALHO (2008).

⁷ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/minisseries/capitu.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2016.



Assim, para que tudo em Capitu seja digno de Capitu, não poderíamos deixar de enfatizar a escolha da atriz, pois conforme Turner (1993, p. 104) “A escolha de um determinado ator ou atriz tem importantes repercussões no efeito que a caracterização terá”. A atriz imbuída de interpretar a personagem, necessariamente, precisa não só atuar bem, mas exalar a beleza feminina presente em Capitu em todos as suas nuances. Capitu não é só os olhos de cigana oblíqua e dissimulada, Capitu é um corpo inteiro em dissimulação. Candido *et al.* (2011, p. 111) evidencia que “A Capitu de uma fita de cinema nunca seria essencialmente olhos e cabelos, e nos imporia necessariamente tudo o mais, inclusive pés e cotovelos”. Capitu tem uma densidade psicológica que atravessa seus grandes olhos, o que faz com que a atriz doe não só suas belas feições à personagem, mas traga sua presença física – imponente – à adaptação.

Sobre este aspecto, Moacyr Góes, que dirigiu *Dom*, em entrevista ao *Ego*⁸, comenta: “Nunca tive dúvidas de que Maria Fernanda seria Capitu. Ela tem os olhos de ressaca, um olhar que arrebatava e pode afogar quem se sintia atraído por esse mar”. Já Luiz Fernando Carvalho, diretor da minissérie *Capitu*, em entrevista à *Folha*⁹, afirma: “Maria Fernanda é Capitu. Não importa o que fez antes, ou o que fará depois. Basta olhar para ela e você verá Capitu”.

Nesse sentido, retomando aos estudos de Morin sobre o *star system* americano, quando este apresenta como característica peculiar as revistas de fãs, hoje quase inexistentes no Brasil. O que cobre essa lacuna, quando do lançamento de um filme, trazendo algumas curiosidades sobre a vida da personagem principal, são as redes sociais, desde *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, mas principalmente, os sites de notícias que trazem seções com entrevistas e fotografias do ídolo.

O sucesso eminente da atriz Maria Fernanda Cândido enquanto Capitu repercutiu nas redes sociais. Mesmo tendo sido premiada como melhor atriz pela atuação em *Dom*, foi com a segunda aparição, na minissérie *Capitu*, que ganhou notoriedade. O que pode ser conferido em

8 Disponível em: <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL641895-9798,00-ESPECIALISTAS+DIZEM+QUE+MARIA+FERNANDA+CANDIDO+TEM+OLHAR+DE+CAPITU.html>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

9 Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1007200808.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2016.



pelo menos seis manchetes de sites da época, que evidenciam a ascensão de Maria Fernanda Cândido.

O site *Ego* é o primeiro a lançar uma manchete com a seguinte chamada: “Especialistas dizem que Maria Fernanda Cândido tem olhar de Capitu”¹⁰. A matéria de Kleber Pinto exalta a segunda vez da atriz no papel de Capitu, pois considera esta personagem a “estrela maior de *Dom Casmurro*”. Por isso, Maria Fernanda Cândido afirmou ao site que já estaria estudando formas para interpretar Capitu, visto que os olhos são o seu elemento forte.

A volta da atriz à personagem Capitu, interpretada há cinco anos, também foi assunto para a *Folha de S. Paulo*, que trouxe a manchete “Maria Fernanda Cândido, premiada como Capitu no cinema, volta a ser a heroína de ‘olhos de ressaca’ em série da Globo”¹¹. Nesta reportagem, além da entrevista com os diretores de *Dom* e *Capitu* e de aspectos intrínsecos da vida da atriz, temos também a fala da escritora Ana Maria Machado, reforçando que a dupla escalação de Maria Fernanda como Capitu esteja relacionada “à sua beleza, que não é superficial, de bonitinha vaidosa; mas de quem olha o mundo querendo enxergar o outro”.

Nessa mesma oportunidade, Maria Fernanda Cândido ao ser questionada se “Capitu traiu ou não?” responde à clássica pergunta expondo sua experiência como leitora de *Dom Casmurro* em três momentos: de que quando leu na escola, teve a impressão de que Capitu havia traído Bentinho. Estando já mais madura, pela segunda leitura que fez, achou que Bentinho é quem estava louco. E, hoje, ao fazer uma leitura mais aprofundada da obra, concorda com o diretor Luiz Fernando Carvalho de que *Dom Casmurro* não é um livro sobre traição, é um ensaio sobre a dúvida.

Um mês após as duas aparições na mídia, a atriz volta às páginas da *internet*, dessa vez no jornal *Zero Hora* com a chamada: “Maria Fernanda Cândido interpreta Capitu pela segunda vez”¹². A matéria replica algumas

10 Disponível em: <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL641895-9798,00-ESPECIALISTAS+DIZEM+QUE+MARIA+FERNANDA+CANDIDO+TEM+OLHAR+DE+CAPITU.html>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

11 Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1007200808.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

12 Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2008/08/maria-fernanda-candido-interpreta-capitu-pela-segunda-vez-2100070.html>>. Acesso em: 16 nov. 2016.



informações do *Ego*, porém traz fotografias das gravações da minissérie no Rio de Janeiro, enfatizando a atriz em cena.

Prestes do lançamento da minissérie pela TV Globo, o *BOL* traz à tona uma entrevista centrada na atriz Maria Fernanda Cândido, inclusive a manchete é uma de suas falas: “‘Capitu é uma pessoa que luta para ser feliz’, diz Maria Fernanda Cândido”¹³. A atriz comenta como foi dividir as gravações com a atriz Letícia Persiles, que interpretou Capitu jovem, e do desafio de continuar uma personagem que já havia sido começada. Para os entrevistadores do *site*, quando o assunto é Capitu, Maria Fernanda é tida como uma atriz experiente por representar a personagem pela segunda vez e, por essa razão, questionam se “a receita para compor a personagem é a mesma”, o que é negado pela atriz, que vê o filme e a minissérie como obras com concepções diferentes. Para ela, a Capitu da minissérie é um trabalho manual, muito mais artesanal. Capitu é uma pessoa que luta para ser feliz, não se acomodando nos momentos difíceis, além de ser uma grande personagem da literatura brasileira.

Alguns dias depois da entrevista ao *BOL*, o *blog Minha Série* reserva em sua aba de Novidades a chamada “Nova minissérie brasileira recria romance de Machado de Assis”¹⁴. A matéria enfatiza que na produção de Luiz Fernando Carvalho, os “olhos de ressaca” ganham um rosto em definitivo. Um não, dois. Referindo-se aos olhos de Letícia Persiles e Maria Fernanda Cândido. Apresenta também uma pequena sinopse de *Dom Casmurro*, acompanhada com fotografias das gravações da minissérie. Fechando com um *teaser* em vídeo onde aparece o casal Maria Fernanda Cândido e Michel Melamed, em cena, interpretando Capitu e Bento Santiago, respectivamente.

Na manchete “Capitu pela segunda vez, Maria Fernanda Cândido fala das diferenças entre filme e série”¹⁵, produzido pelo *UOL* no dia em que foi ao ar a minissérie, a matéria centra-se na figura da atriz Maria Fernanda Cândido, enfatizando que ela não é “debutante” no papel, mas que o filme e

13 Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2008/12/01/quotcapitu-e-uma-pessoa-que-luta-para-ser-felizquot-diz-maria-fernanda-candido.jhtm>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

14 Disponível em: <<http://www.minhaserie.com.br/novidades/678-nova-miniserie-brasileira-recria-romance-de-machado-de-assis>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

15 Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2008/12/09/capitu-pela-segunda-vez-maria-fernanda-candido-fala-das-diferencas-entre-filme-e-serie.jhtm>>. Acesso em: 16 nov. 2016.



a minissérie trazem duas abordagens totalmente diferentes de construção da personagem, restando de igual apenas os “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, que para a atriz, são eles que traduzem a alma de Capitu.

Pelas seis manchetes aqui elencadas, podemos testificar a afirmação de Morin de que a estrela começa a surgir quando o nome da atriz/ator é mais importante e mais difundido que o próprio nome de seus personagens, reforça a tese de que, neste caso em específico, temos a ascensão de um novo modelo de *star system*; em que a atriz Maria Fernanda Cândido, estrelando a personagem Capitu, caracteriza um *star system* à moda brasileira, pensando no caso do *star system* das produções audiovisuais praticadas no Brasil como um novo modelo (mas não pioneiro) de surgimento das estrelas brasileiras, espelhado no americano, porém com suas próprias características de aproximação.

De modo algum, podemos deixar de considerar o que Uchôa (2011) indica como alguns desses elementos divergentes, ou seja, a discrepância entre o *star system* americano e o brasileiro, principalmente em produções da Globo Filmes. De fato, há a construção de um novo *star system*, um novo modelo estelar brasileiro, baseado na reprodução idêntica de imagens, em termos físicos e de atuação, ao contrário do americano estudado por Morin, que essencialmente explora as ambiguidades entre atores e personagens. Além de, no Brasil, não existirem mais as revistas de fã. Contudo, reiteraria que temos um *star system* abasileirado a partir de alguns aspectos já elucidados neste trabalho.

Considerações finais

Ao contrário do *star system* nascido no teatro e levado ao cinema, constituindo sua constelação de estrelas e “ídolos marmóreos”; o *star system*, aqui cunhado como *star system* à brasileira, surge primeiro nas telenovelas (em geral naquelas apresentadas pela Rede Globo) e depois parte ao cinema nacional (normalmente na forma de adaptações de romances).

Por essa razão, podemos reiterar a partir das duas passagens de Maria Fernanda Cândido pelas adaptações audiovisuais *Dom* e *Capitu*, que o *star system* à moda brasileira se sustenta em seis pilares: (i) estrelando/aproveitando atrizes e atores das telenovelas; (ii) a personagem representada apresenta uma relação com outras já encenadas; (iii) a beleza



da atriz/ator é um fator de distinção; (iv) o figurino da estrela também é elaborado para evidenciar uma beleza olimpiana; (v) o sucesso da estrela brasileira se constitui em algo ainda limitado ao território nacional; e (vi) a vida da estrela pode ser conferida pelas redes sociais e/ou programas de televisão.

Assim, Maria Fernanda Cândido (longe de ser apenas uma *starlet*¹⁶) representa o movimento de um *star system* à brasileira, pois além das características mencionadas nesse enquadramento, ela é mais do que a emanção dos “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, é a totalidade de Capitu em sua batalha perdida contra o destino – tão aos moldes das tragédias shakespearianas. Pelas palavras de Carvalho “Maria Fernanda é Capitu. Não importa o que fez antes, ou o que fará depois. Basta olhar para ela e você verá Capitu”.

REFERÊNCIAS

ADAMATTI, M. M. **A crítica cinematográfica e o star system nas revistas de fãs: A Cena Muda e Cinelândia (1952 – 1955)**. 2008. 327f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação), Universidade de São Paulo, São Paulo.

ARAÚJO, L. Capitu pela segunda vez, Maria Fernanda Cândido fala das diferenças entre filme e série. **UOL**, Notícias, São Paulo, 09 dez. 2008. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2008/12/09/capitu-pela-segunda-vez-maria-fernanda-candido-fala-das-diferencas-entre-filme-e-serie.jhtm>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

ASSIS, M. **Dom Casmurro**. Coleção Imortais da Literatura Universal. São Paulo: Nova Cultural, 1995.

BOL. Capitu é uma pessoa que luta para ser feliz, diz Maria Fernanda Cândido. **BOL**, Entretenimento, São Paulo, 01 dez. 2008. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2008/12/01/quotcapitu-e-uma-pessoa-que-luta-para-ser-felizquot-diz-maria-fernanda-candido.jhtm>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

CÂNDIDO, A.; GOMES, P. E. S.; PRADO, D. A.; ROSENFELD, A. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

16 A *starlet* é uma aspirante ao estrelismo.



CARVALHO, L. F. **Projeto Quadrante**. 2006. Disponível em: <<http://quadrante.globo.com/>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

_____. **Capitu**. Rio de Janeiro: Globo Marcas, 2009. 2 DVDs.

_____. **Minissérie Capitu**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/minisseries/capitu.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

COELHO, S. S. **A adaptação em Vale Abraão: do romance de Agustina Bessa-Luís ao filme de Manoel de Oliveira**. 1999. 116f. Dissertação (Mestrado em Multimeios), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GÓES, M. **Dom**. São Paulo: Warner Home Vídeo Brasil, 2003. DVD-ROM.

GUERNIKOFF, G. A imagem: representação da mulher no cinema. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, p. 65-77, 2009.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da adaptação**. 2.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

MATTOS, L. Maria Fernanda Cândido, premiada como Capitu no cinema, volta a ser a heroína de “olhos de ressaca” em série da Globo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 jul. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1007200808.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

MINHA SÉRIE. Nova minissérie brasileira recria romance de Machado de Assis. **Minha Série**, Novidades, São Paulo, 04 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.minhaserie.com.br/novidades/678-nova-minisserie-brasileira-recria-romance-de-machado-de-assis>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

MORIN, E. **As estrelas, mito e sedução no cinema**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

PINTO, K. Especialistas dizem que Maria Fernanda Cândido tem olhar de Capitu. **Ego**, Notícias, São Paulo, 10 jul. 2008. Disponível em: <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL641895-9798,00-ESPECIALISTAS+DIZEM+QUE+MARIA+FERNANDA+CANDIDO+TEM+OLHAR+D+E+CAPITU.html>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

PROENÇA, M. C. Biobliografia. In.: ASSIS, M. **Todos os romances e contos consagrados de Machado de Assis**. vol 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SARACENI, P. C. **Capitu**. São Paulo: Warner Home Vídeo Brasil, 1968. VHS/NTSC.

TURNER, G. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus Editorial, 1993.



UCHÔA, F. **O Star System da Globo Filmes**. Sem colírio. (19/08/2011). Disponível em: <<https://semcolirio.wordpress.com/2011/08/19/o-star-system-da-globo-filmes/>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

ZERO HORA. Maria Fernanda Cândido interpreta Capitu pela segunda vez. **Zero Hora**, Notícia, Porto Alegre, 06 ago. 2008. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2008/08/maria-fernanda-candido-interpreta-capitu-pela-segunda-vez-2100070.html>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

